



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

24 e 25 de junho de 2017

Diário Catarinense
Capa e Donna
"Bom apetite"

Bom apetite / Mulheres / Santa Catarina / As Braseiras - Mulheres da Brasa Brasileira / Elisabeth Schreiner / Carnes / Sandra Carvalho / Curso de Agronomia / Curso de Zootecnia / UFSC / Churrasco / Churrasqueira



24 e 25 de junho de 2017

REVISTADONNA.COM

domina+



Perto
do fogo

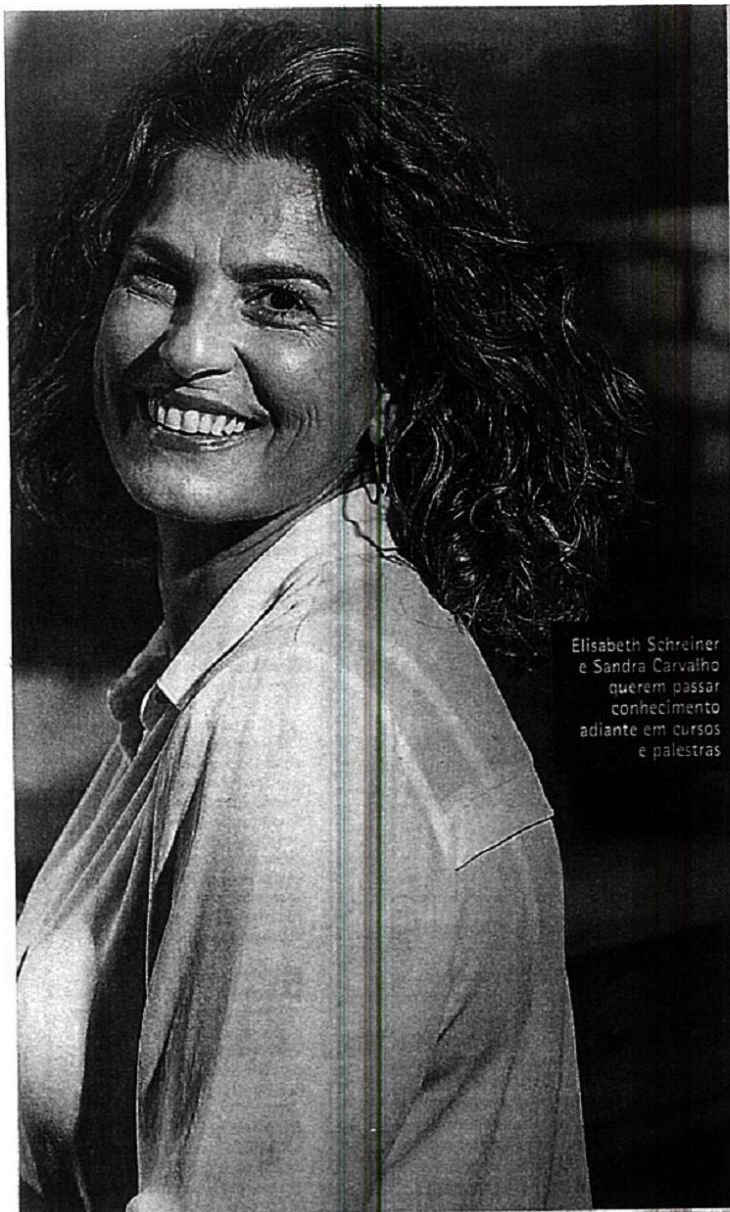
Elisabeth
Schreiner e
Sandra Carvalho
fazem parte
do coletivo
que dissemina
a cultura do
churrasco entre
as mulheres



CAPA

Bom *apetite*

Mulheres de Santa Catarina integram o coletivo As Braseiras e espalham a cultura do churrasco pelo universo feminino



Elisabeth Schreiner e Sandra Carvalho querem passar conhecimento adiante em cursos e palestras

A médica veterinária Elisabeth Schreiner é uma apaixonada pelo universo das carnes. Moradora de Florianópolis, ela faz parte de um coletivo feminino que vem movimentando este mercado. As Brasileiras. Mas a ideia de trabalhar com o produto começou há muito tempo.

Desde a infância, em Santa Cruz do Sul (RS), ela alimentava o desejo de cursar medicina veterinária. Representante da quinta geração de uma família de alemães imigrantes que até então havia se dedicado à indústria metalúrgica, ela virou – com o perdão do contexto – a ovelha negra. Quando finalmente entrou na universidade, foi um caminho sem volta: desde os primeiros semestres de curso, enveredou pela iniciação científica, trabalhando com microbiologia, suinocultura e reprodução de ruminantes. Formada, foi contratada por uma multinacional do segmento

de milho, atuando no setor de nutrição animal e confinamento, de lá entrando em contato com a indústria frigorífica e com o que viria a ser seu grande foco de trabalho: a carne.

Em 2003, elegeu a capital catarinense como destino – assim como muitos, na expectativa de conciliar o trabalho com a proximidade do mar – e deu de cara com imóvel onde instalou seu espaço, uma boutique e um restaurante de carnes.

Na Argentina, formou-se maestra assadora – o que lhe conferiu a prerrogativa de também poder ensinar a fazer churrasco, passando o conhecimento adiante – e estagiou em restaurantes do mesmo país e do Uruguai, até finalmente passar ao comando da própria brasa. Para o preparo das carnes, Beth utiliza o sistema de parrilha, que consiste no uso de grelhas móveis – a figura do espeto, tão cara aos brasileiros, é raridade por ali.

Quebrando preconceitos

Quem observasse a zootecnista Sandra Carvalho em uma competição de crossfit poderia não suspeitar que ali estava uma profissional altamente conceituada e especializada no ramo de carnes: do campo ao prato – como costuma dizer. Doutora em tecnologia de carnes e professora nos cursos de Zootecnia e Agronomia da UFSC, a trajetória profissional de Sandra inclui ainda a passagem por fazendas, frigoríficos e um curso de gastronomia, onde lecionou sobre carnes durante cinco anos. Atualmente, é responsável pelas áreas de qualidade de carnes e tipificação de carcaças nos cursos da federal – ela também largou o crossfit e hoje pratica apenas corrida. De fato, tanta energia acaba por se relacionar com um dos hobbies favoritos de Sandra: o churrasco – e com ele o fogo, elemento vital que também simboliza força e renovação, além de um forte poder agregador. O que é mais gostoso do que reunir pessoas em torno do fogo em um dia frio? Para Sandra, porém, as mulheres ainda enfrentam preconceito quando se trata de trabalhar com carnes e de operar uma churrasqueira:

– A visão que em geral as pessoas têm do churrasco é totalmente masculina. A churrasqueira como um lugar da casa onde só o homem pode entrar. Então existe uma surpresa em ver a mulher preparando a carne e, principalmente, em perceber que realmente fica muito boa – comenta.

Para Sandra, o grande atrativo do churrasco é seu potencial de reunião: em torno da churrasqueira, existe a convivência e um ambiente dinâmico, onde a refeição é preparada simultaneamente ao encontro – diferentemente do modelo mais tradicional de preparo, com a separação entre a cozinha e a sala de jantar. Na visão dela, a mulher pode agregar uma personalidade diferente ao churrasco.

– Em função do cuidado que tem com as coisas, a mulher tem a preocupação de preparar acompanhamentos, de agradar as pessoas em relação ao ponto da carne, ao corte – opina.

Há dois anos, Sandra encontrou Beth em uma visita a um frigorífico e, a partir dali, estreitaram os laços. Hoje elas são sócias em uma empresa que presta consultoria e dá cursos sobre qualidade de carnes, e foi dessa parceria que surgiu o convite para participarem do grupo As Brasileiras – Mulheres da Brasa Brasileira, que tem o objetivo tanto de mostrar o trabalho e a experiência das mulheres no ramo de carnes quanto de levar informação sobre o universo churrasqueiro ao público feminino.

Segue >



Da esquerda para a direita: Beth Schreiner, Caroline Barbosa, Carolina Barretto, Tatiana Bassi, Paula Labaki, Clarice Chwartzmann, Sandra Carvalho, Ligia Karazawa e Aline Marinho formam o coletivo As Brasileiras

Carolina Barretto, idealizadora e coordenadora do projeto



Foto: Denise Andrade/Divulgação

Às mulheres: a churrasqueira

Para entender a essência d'As Brasileiras, a idealizadora e coordenadora do coletivo, Carolina Barretto, conta sua história:

— Trabalhei muito tempo na indústria frigorífica, olhando para as relações entre quem produz e quem consome. Então tive a ideia de unir um grupo de mulheres que gostam de carnes e assados e trazer a visão da mulher para esse negócio, já que muitas mulheres se interessam pelo assunto mas ainda ficam tímidas, por ser um ambiente masculino. Isso é um estereótipo que se criou — explica.

Lançado oficialmente em março, o grupo formado por 10 mulheres de diferentes regiões brasileiras já cumpre uma agenda de eventos com palestras, workshops e jantares que ultrapassam a carne no prato, resgatando inclusive a história da relação do ser humano com o fogo. De acordo com o documento que define a proposta do grupo, o objetivo é usar “a carne e o fogo como uma ferramenta de transformação, de educação e acolhimento, promovendo assim uma mudança de comportamento e consciência”.

— É um projeto, mas é também um movimento. Reunimos mulheres que já têm um trabalho consolidado, que já têm uma trajetória, e queremos incenti-

var outras meninas. Nossa ideia é fazer eventos menores, para trazer informações sobre a profissão, sobre como consumir carne e para que exista uma troca com o público — ressalta Carolina.

A edição catarinense do evento ocorreu no início de junho em Florianópolis. Entre as atividades, uma oficina de carne suína e palestras sobre a cadeia produtiva da carne, o consumo proteico na síntese muscular no âmbito da nutrição esportiva e a importância da segurança alimentar. Na plateia, estudantes de gastronomia, veterinária, zootecnia, nutrição e engenharia de alimentos, assim como atletas e consumidores.

— A ideia é que a gente possa aportar o nosso conhecimento ao grupo e, a partir daí, levar informação para outras mulheres. Informações que, muitas vezes, a indústria não tem interesse em divulgar, sobre a qualidade da carne, a produção. Nós defendemos muito a questão da origem, por exemplo, de saber também a procedência do que se está consumindo — destaca Beth Schreiner.

Trabalhando em duplas pelo Brasil, As Brasileiras irão realizar eventos e disseminar a participação da mulher tanto na produção de carnes quanto no preparo e consumo. Com os recentes acontecimentos envolvendo a indústria

frigorífica na Operação Carne Fraca da Polícia Federal, elas consideram o momento oportuno, já que o público consumidor está sendo “convocado” a buscar um conhecimento sobre o setor.

— O brasileiro adora carne e as empresas interessadas têm agora a oportunidade de se aproximar mais do consumidor, de estabelecer esse relacionamento mais direto, especialmente nesse nicho de carnes de qualidade, de trabalhar com animais de genética superior, alimentados de forma melhor — avalia.

Além de Elisabeth, Sandra e da coordenadora Carolina, fazem parte do grupo Tatiana Bassi, Ligia Karazawa, Paula Labaki, Aline Marinho e Joana Angélica, de São Paulo; Clarice Chwartzmann, do Rio Grande do Sul; e Caroline Barbosa, do Pará.

— Queremos nos reconectar com a história e também mostrar esse churrasco feminino, que considero que traz um componente mais inclusivo, mais acolhedor na hora de receber, com porções menores e contemplando também outros assados que não apenas carnes, como legumes, cogumelos, raízes. E vamos fazer isso em eventos pequenos, para que haja a troca de conhecimento. Não dá pra fazer isso em um grande festival — enfatiza Carolina.

O primeiro churrasco, passo a passo

1 Tenha uma faca média bem afiada, uma tábua branca de plástico para lidar com as carnes cruas e uma de madeira para servir.

2 Para uma assadora de primeira viagem, o ideal não é começar com espetos. O modelo mais adequado é a grelha de ferro de canaletas, que cozinha a carne uniformemente.

3 Comece com bifes de cortes altos, macios e sem ossos. Boas opções são os dois cortes do contrafile (o ancho ou o chorizo), os medalhões de picanha ou o miolo de acém, que no mercado leva o nome chique de Denver Steak. Bifes de vazão também são saborosos. Mesmo que não vá consumi-la, não corte fora a gordura.

4 Para fazer o fogo, cubra a superfície da churrasqueira de carvão. Faça um “copinho” de papel toalha em meio às pedras, e embebede com um pouco de óleo de cozinha (sem exagero). Atire fogo a ele com um fósforo e, enquanto as chamas crescem, cubra de pedras de carvão e abane com um jornal. Achou complicado? Tem pastilhas prontas que fazem o mesmo efeito.

5 O primeiro aperitivo é o pão de alho. Corte um pão baguete ao meio e passe uma pasta com a mistura de manteiga, queijo mussarela, alho cortado (não picado) e uma pitada de orégano. Leve à grelha.

6 Entre os legumes, ótimas opções são a abóbora cabotia cortada em tiras, o tomate, cortado ao meio e virado de cabeça para baixo, e pimentões recheados com queijo. Tempere com azeite de oliva e tomilho.

7 Mais aperitivos: salsichão e linguíça não perdem succulência na grelha.

8 Leve a carne ao fogo com um pouco de azeite, trocando os bifes de lado de tempos em tempos. Quando começarem a dourar, tire do fogo e corte as asquinhas das pontas, para observar o ponto.

9 Sirva em tiras acompanhadas de farinha de mandioca ou molhos para carnes, como o chimichurri.

COLABOROU CALE FONSECA

Diário Catarinense

Nós

"O concreto é a tela"

O concreto é a tela / Estética urbana / Grafite / Arte contemporânea / Florianópolis / Centro Histórico / Lagoa da Conceição / Córrego Grande / Sul da Ilha / Rodrigo Rizo / Beco da Lixeira / Willian Narzetti / Associação de Amigos da Casa da Criança e do Adolescente do Morro do Mocotó / Acam / Joinville / Blumenau / João Guilherme Pereira de Deus / Charles Boaventura Caetano / Valdi Valdi / Centro Socioeconômico / CSE / UFSC / Wagner Wagz / Rio Tavares / Secretaria Municipal de Turismo / Instituto Euvaldo Lodi de Santa Catarina / IEL / Comissão de Arte Pública de Florianópolis / Comap / Instituto de Planejamento Urbano / IpuF / César Floriano / Departamento de Arquitetura e Urbanismo / Grupo de Estudos de Arte Pública Latino-Americano / Lú Pires / Lei de Arte Pública / Lei Complementar 001-97 / Thiago Valdi / Criptografia estética / Desenhos / Monique Cavalvanti / Hip Hop / Sara Duarte / Pichação / Ditadura



O CONCRETO É A TELA

ESTÉTICA URBANA,
o grafite se
consolida como
arte contemporânea
e não mais como
contravenção e
encontra cena
efervescente
na Capital

CARDI MACÁRIO

caroline.macario@diariocatarinense.com.br

Até o final dos anos 1990, aqueles que ou-
savam sair às ruas de Florianópolis para
grafitar o concreto muitas vezes tinham
que dar explicações para a polícia. De
transgressão à manifestação estética
da urbanidade, o grafite está hoje no hall da arte
contemporânea. A Capital abraçou essa arte de
tal forma que, ainda que em menor proporção se
compara às metrópoles, a impressão que se tem
é que muros, paredes e pontes foram feitos para
ser tela. A paisagem natural é a moldura.

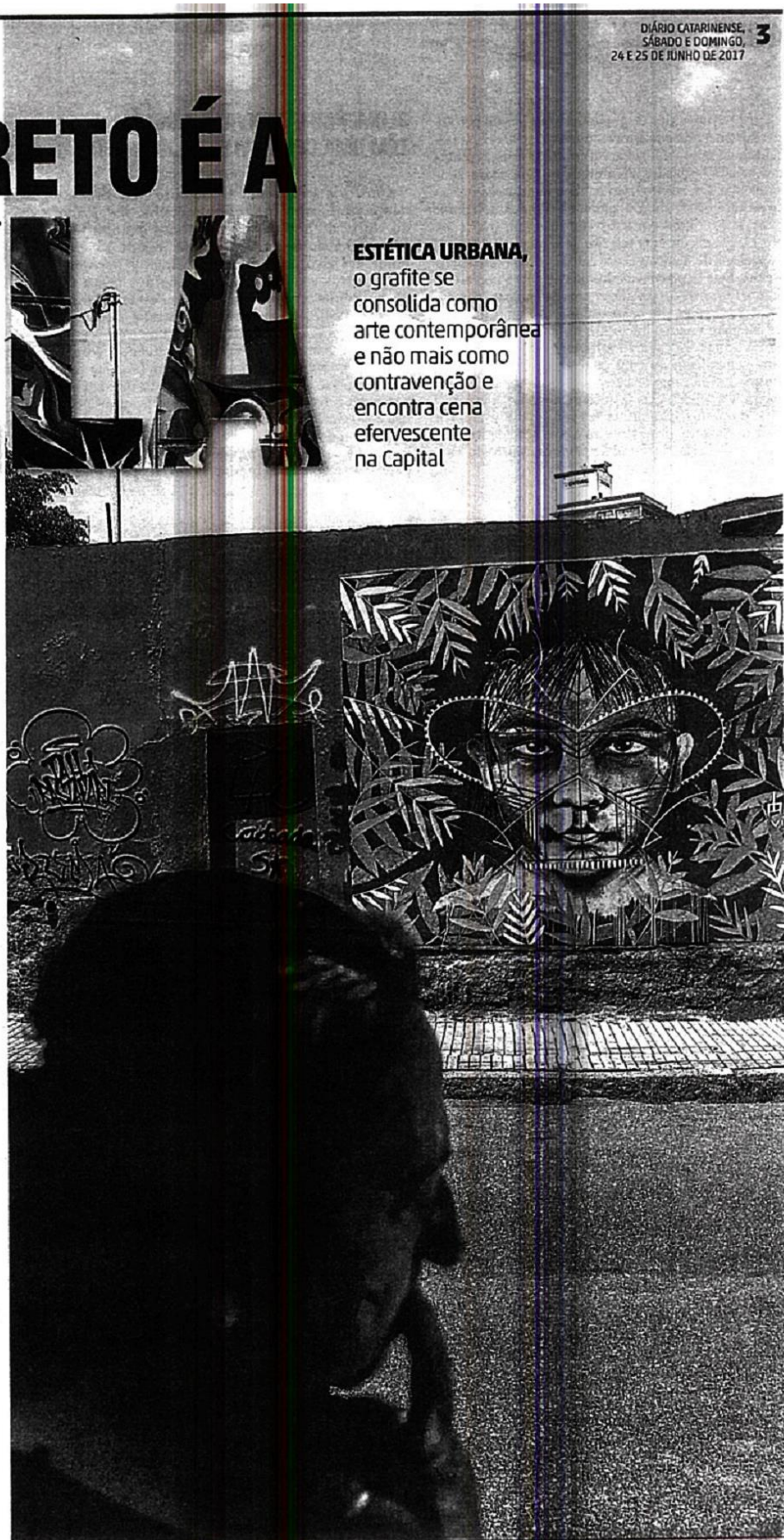
Bairros como o Centro Histórico, a Lagoa da
Conceição, o Córrego Grande, pontos do Sul da
Ilha e região continental, para citar alguns, vi-
raram uma galeria a céu aberto e gratuita — não
tem como fugir desse clichê. As cabeceiras das
pontes são as principais delas. Quem caminha
pela passagem para pedestres da Ponte Pedro Ivo
se depara com um palimpsesto urbano com a me-
mória da cidade escrita com tinta spray. Menos
verticalizada que cidades como São Paulo, onde
imperam arranha-céus, as pinturas por aqui estão
na altura do olhar. Com o detalhe de que muitas
obras são elogios à natureza, desenhos carrega-
dos de carga poética e de mensagens positivas.

E se num passado o grafite era associado à de-
gradação e infração, hoje reflete qualidade de vi-
da. Assim como as cidades de Nova York, Amster-
dã ou George Town, na Malásia, atraem pessoas
do mundo inteiro para ver de perto a identidade
visual de alguns de seus bairros, Florianópolis po-
deria ser, por que não, referenciada como a cida-
de da natureza exuberante e da arte urbana.

— Lugares com paredes grafitadas eram con-
siderados violentos. Hoje, você vai a bairros que
vêm passando por um processo de gentrifica-
ção, como em Londres ou Amsterdã, e o grafite
é a identidade visual dessas regiões. As pessoas
visitam e podem acompanhar o trabalho dos ar-
tistas. Tudo isso, associado ao comércio local e a
políticas públicas, gera dinheiro e bem-estar pa-
ra o bairro e a cidade — analisa o grafiteiro Ro-
drigo Rizo, 29 anos, autor dos camaleões pinta-
dos em vários pontos da cidade e representante
de uma das primeiras gerações de grafiteiros em
Florianópolis.

Bem-estar que a dona Bete, moradora do Mor-
ro do Mocotó há 38 anos, sente ao abrir a janela
de casa todo dia e contemplar arte, e não mais li-
xo.

— É muito lindo. As plantas ali em cima flores-
cem e fica muito bonito. Parece até que tudo está
mais claro — disse num sábado de abril, durante
revitalização do grafite na entrada do bairro.



Em 2015, um grupo de grafiteiros coordenado por Rizo realizou a primeira intervenção no local antes conhecido como Beco da Lixeira. Na época, 15 artistas pintaram painéis instalados nos muros da entrada para a comunidade. Em 2016, o lugar ganhou iluminação e telas de proteção. Este ano, os painéis de compensado naval foram substituídos por outros de alvenaria grafitados por 13 artistas durante um fim de semana. Retirados, os pedaços de madeira e arte agora vão virar até barco — Dona Bete ficou com alguns dos painéis a pedido do filho, que vai usá-los para fazer uma bateira para pesca.

— Na primeira vez, os moradores saíram no sábado de manhã e viram o início dos trabalhos sem saber o que ia acontecer. Quando voltaram, alguns até choraram. Lembro uma criança que beijava o desenho. Da mesma forma como as pessoas se acostumam com a bagunça e sujeira, elas se acostumam com coisas bonitas e organização. Muda tua referência — lembra William Narzetti, presidente da Associação de Amigos da Casa da Criança e do Adolescente do Morro do Mocotó (Acam).

BLUMENAU E JOINVILLE TAMBÉM TÊM UMA CENA LATENTE DO GRAFITE

A história do grafite em Joinville e em Blumenau é semelhante à de Florianópolis. Na cidade do Norte do Estado, o movimento ganhou força no começo dos anos 2000. Antes de ser popular, era alvo de preconceito. Hoje os personagens, letras e desenhos abstratos dos cerca de 30 grafiteiros atuantes na cena local estão espalhados principalmente pela região central e, devagarinho, avançam pelos bairros periféricos.

— As pessoas até param para conversar com a gente — e ninguém fala com ninguém hoje em dia. Mas param só porque estamos pintando, querem saber como é. As pessoas já estão sensibilizadas — analisa João Guilherme Pereira de Deus, conhecido pelo codinome Jonca.

Jonca é de uma segunda geração do grafite na cidade e se inspira nas urgências sociais para pintar

murais. Toca nas feridas mesmo, como forma de mostrar o que ninguém enxerga.

— Ainda não dá para viver só do grafite aqui. A gente vai mesclando: grafite, pintura em tela, estampa, tatuagem. Queria poder trabalhar apenas com spray.

Já em Blumenau, o grafite está mais espalhado pelos bairros do que pelo Centro. O movimento começou por volta de 1997, com a vinda de alguns artistas como o gaúcho Rocha, que levou para cidade a cultura Hip Hop. Mas o reconhecimento e valorização como arte foi a partir de 2011.

— Nos bairros é que o povo acaba abraçando melhor o grafite. Recebemos doação de material e a gente também se sente mais à vontade — diz Charles Boaventura Caetano, 36 anos, conhecido como Pilaco.

Ele grafitava há pelo menos 15 anos e logo que começou montou o próprio crew (nome para equipes de artistas que pintam coletivamente, prática bem tradicional na cultura Hip Hop), o Somos Negros Crew. A equipe é conhecida por assinar trabalhos com SN Crew.



EXPRESSIONISMO MUNDIAL

Quando começou a aparecer nos muros de bicos à vista dos becos e vielas de Nova York, em meados dos anos 1970, o grafite era uma contravenção e acompanhava a expansão do Hip Hop nos guetos. Caligrafia rebuscada era a expressão de jovens ociosos e de baixa renda, que levavam mensagens criptografadas a lugares públicos e não autorizados. Era como um grito social, uma forma de os jovens de então mostrar quem eram.

— Nova York é o marco zero para o Hip Hop. Existiam muitas tribos urbanas, veio a cultura de rua e as pessoas começaram a se manifestar. O grafite foi chegando ao Brasil por meio de revistas e filmes, já nos anos 1980 — conta o grafiteiro em Florianópolis Valdi Valdi.

No começo, as obras eram simples: só a caligrafia feita com o canetão. Depois se passou a usar o spray e aos poucos começou a faltar espaço nos becos de NY.

— Artistas iam criando ferramentas visuais para destacar o nome, colocando contorno, preenchimento. Na medida em que foi evoluindo, mudou também o suporte: depois

dos muros e caixas de luz, chegou aos meios de transporte. Nos trens vigiados, era necessário invadi-los para pintar. E aí se criou um ambiente de perigo associado com a necessidade estética de fazer uma coisa impactante — acrescenta Rodrigo Rizo.

Ali estava surgindo uma cultura que transformaria o vandalismo em arte. O mural feito a quatro mãos numa das paredes do Centro Socioeconômico (CSE) da UFSC mostra muitas destas técnicas dos primórdios do grafite, como o contorno feito para destacar o fundo, por exemplo.

— A fotografa americana Martha Cooper foi a primeira pessoa a ter acesso a informações restritas a estas tribos urbanas e a ter um olhar estético sobre o que estava sendo feito. O grafite antes era rechaçado, considerado vandalismo — pontua Wagner Wagz, também das primeiras gerações do grafite em Florianópolis.

Justamente por ter sido sempre associado ao vandalismo que os codinomes foram adotados, para que os artistas não fossem facilmente identificados.

VITÓRIA DA COR SOBRE O CINZA

Se antes o grafite era negado, hoje inclusive tem a chancela do poder público em Florianópolis. O painel grafitado no Centro Socioeconômico (CSE) da UFSC, uma instituição federal, é um exemplo. O Elevado da Seta, que dá acesso ao Rio Tavares, no sul da Ilha, é outro. Em 2015, 26 artistas participaram da pintura do viaduto, graças a um convênio firmado entre a prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Turismo, e o Instituto Euvaldo Lodi de Santa Catarina (IEL), em parceria com a SC Design.

A cidade conta também com a Comissão de Arte Pública de Florianópolis (Comap), órgão subordinado ao Instituto de Planejamento Urbano (Ipu), que vê com bons olhos o grafite e até orienta os órgãos do poder público no sentido de autorizações. Por isso cenas como as que ocorreram em São Paulo em janeiro deste ano, onde muros grafitados e pichados foram pintados de cinza a pedido da prefeitura, são menos prováveis por aqui.

— A Comap aprova. Não somos a favor da criminalização. Claro que, quando se trata de intervenções em grande escala, pedimos que a comissão seja consultada. Na região histórica, por exemplo, não pode — explica César Floriano,

professor de estética do Departamento de Arquitetura da UFSC, membro da Comap e do Grupo de Estudos de Arte Pública Latino-Americano.

Lú Pires, coordenadora da entidade, ressalta que a Capital conta com uma Lei de Arte Pública (lei complementar nº001/97 versa sobre a implantação de obras de arte nos prédios) e lembra, no entanto — e mesmo sabendo que o conceito passa pelo “não autorizado” — que grafite em lugares que podem causar distração no trânsito são perigosos e não aprovados.

— Floripa abraçou muito a arte de rua. É mais fácil pedir autorização hoje em dia e o poder público, por mais que seja burocrático ainda, quer essa parceria — comemora o grafiteiro Thiago Valdi, conhecido em Florianópolis pelo codinome Valdi Valdi.

Rodrigo Rizo vai além e prevê um futuro colorido:

— Temos uma geografia particular. Cada bairro é um microcentro. Vejo no futuro o surgimento de um distrito de arte para regiões afastadas, como Palhoça, por exemplo, que tem uma zona industrial. Acho que pode ser um grande museu a céu aberto de grafite.



CRIPOTOGRAFIA ESTÉTICA: DESENHO COM SIGNIFICADO

Grafite sempre tem um significado. Mesmo os desenhos mais abstratos. Quem vê letras em algum muro da cidade, pode ser que não consiga decodificar prontamente. Mas no mínimo explicita o nome do artista, o traço e o jeito de grafitar.

— Cada artista cria um repertório de técnicas e de elementos visuais para compor a obra, tanto as letras quanto os personagens. Hoje a gente vê grafites hiper-realistas, como se fosse uma fotografia na parede, ou ainda os grafites de antigamente. Mas é tudo uma questão de escolha estética, não quem sabe fazer melhor. É muito mais da intenção do que o avanço da técnica. A autoexpressão é o que vale. Mostrar tua identidade, o que tu pensa — diz Rizo.

Para a grafiteira Monique Cavallanti, conhecida pelo codinome Gugie, o principal a se levar em conta é que o grafite não precisa ser bonito, ou falar coisas boas ou ser perfeito.

— É a expressão de uma pessoa. Eu penso como comunicar com responsabilidade. O que estou fazendo, por que estou fazendo — diz.

Gugie, 24 anos, começou a grafitar aos 18, por intermédio da dança e do movimento Hip Hop. É uma das poucas mulheres da cena em Florianópolis. Em maio, ela e a artista e também grafiteira Sara Duarte abriram no bairro Itacorubi o Agenda - Centro de Artes Urbanas, um espaço de cursos, venda de materiais e de encontros sobre tudo que engloba a arte urbana — do grafite à dança.

PICHAÇÃO É GRAFITE?

Entre os grafiteiros e pichadores não existe rivalidade. A única diferença está na intenção e na estética.

— Em relação à atitude, ao cerne da questão, é basicamente a mesma coisa: usar a cidade como suporte para livre expressão, independente de autorização ou de proposta artística. É por iniciativa própria ocupar um espaço com a tua expressão. A pichação tem uma estética diferente, são letras criptografadas, com no máximo duas cores e feitas rapidamente. Enquanto o grafite trabalha com questões estéticas mais aprofundadas, o grafiteiro tem a intenção de desenvolver um traço próprio — compara Rizo.



Gugie é uma das poucas mulheres na Capital



Wagz, Rizo e Valdi: das ruas para as galerias

EM FLORIANÓPOLIS, MOVIMENTO COMEÇOU NA DÉCADA DE 1990

No Brasil, chegou primeiro a São Paulo e Rio de Janeiro, metrópoles que já tinham a cultura do estêncil e da pichação política na época da ditadura. Os paulistas Gêmeos foram pioneiros, junto com grupos como o Tupi Não Dá, entre outros. Eles inovaram ao romper com o estilo nova-iorquino e se dedicar à poética do brasileiro. Em Florianópolis, o grafite começou há 20 anos.

— A primeira geração de grafite em Floripa é formada pelo Rizo, João Vejam e o Ldrão. Eu sou da segunda geração e fui muito influenciado por eles — conta Valdi, que começou a grafitar aos 18 anos.

Rodrigo Rizo começou ainda mais novo: com 13 anos. — Quando comecei, minha principal referência era São Paulo. Eu andava pela rua e não via muitas coisas. Mas no meu bairro, o Estreito, começaram a surgir pichações do grupo chamado Os Metralhas (Os MTR). E eles foram minha primeira referência de algo parecido com o que eu via em SP e me inspiraram. Comecei devagar, conhecendo quem também grafitava — lembra.

Até meados de 2008, era difícil um grafiteiro conseguir autorização para pintar um painel. Hoje, chovem ofertas de muros. No bairro Rio Tavares, por exemplo, no final do ano passado, numa ação comunitária moradores doaram muros e sprays para os artistas que quisessem pintar.

— Quando eu comecei, depois de 2006 e 2007, já existia um cenário. Vejam e Rizo tinham trazido referências culturais. Começaram a importar spray de alta qualidade e isso fez com que Floripa se desenvolvesse nos anos seguintes muito mais rápido que em outros locais. Já tínhamos um ecossistema propício para a explosão de *street art* — avalia Valdi.

O recém-criado coletivo New Wall, formado por cinco grafiteiros de Florianópolis, quer inclusive profissionalizar a prática. Pretende ser uma plataforma da arte de rua, conectando artistas, empresas, projetos, editais culturais.

— Nosso trabalho foi evoluindo, apareceu em locais de valorização da arte, em espaços de exposições, galerias. As pessoas foram mudando de opinião — complementa Rizo.

E o trabalho dos grafiteiros de Florianópolis é também referenciado no mundo inteiro. É o caso de Valdi Valdi, que teve a obra *Crown of Flora*, localizado no tapume de uma construção no Córrego Grande, selecionada entre as 10 melhores do mundo no mês de janeiro pela publicação escocesa *Street Art 360*.

Na academia, entretanto, o grafite ainda é lento. No curso de Artes Visuais da Udesc, por exemplo, não existe no programa disciplina ligada à arte urbana.

Muito embora o grafite tenha caído nas graças da população em virtude, em grande parte, do fato de a elite da cidade tê-lo aceitado e incorporado à agenda de arte contemporânea, destacando o trabalho de grafiteiros em espaços expositivos, não é correto afirmar (e inclusive causa repulsa aos artistas) que o grafite foi aceito porque foi para a galeria.

— Não é a intenção do grafiteiro ser reconhecido pelo trabalho dentro da galeria. É sim uma parte do trabalho, mas dentro da galeria eu sou artista plástico. A única coisa que traz notoriedade para o grafiteiro é estar na rua. Você pode ser o melhor pintor do mundo. Mas se não pintar na rua, não é grafiteiro. Nunca será reconhecido como bom grafiteiro. Já a galeria escolhe artistas por causa da notoriedade dele na rua. A galeria se apropria disso para vender — frisa Rodrigo Rizo.

A apropriação da elite se reflete também no perfil socioeconômico dos artistas de hoje. Se o grafite veio das periferias, dos jovens de baixa renda, na Ilha a maioria dos artistas da nova geração é graduada, tem pais com estabilidade financeira e não tem a necessidade transgressora de colocar o trabalho na rua. Até porque grafite custa caro — para fazer e ser consumido.

POR QUE O GRAFITE IMPORTA PARA A CIDADE

Historicamente, o grafite ocupa o espaço da rua. Mas hoje é uma linguagem de arte contemporânea na forma como está inserida no contexto social e urbano. O professor de estética do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, César Floriano, explica que é uma arte que surge como manifestação em três vertentes:



MARGINAL E DE PROTESTO: como tentativa de acionismo político



ESTÉTICA: o grafite se inspira na arte pop e surrealista e, sem espaço nas galerias, vai para a rua. Não é necessariamente arte política, mas simplesmente expressão estética



INSTITUCIONAL: está mais evidente nos últimos 10 anos. Assume-se manifestação estética institucionalizada

— Cada uma dessas vertentes é um universo a ser estudado. Embora o primeiro tipo seja mais criminalizado (a pichação figura nesse lugar), está perdendo espaço para o grafite institucionalizado — quando as próprias galerias ou até mesmo empresas bancam os artistas para estar nas ruas — afirma Floriano.

Para ele, cada uma destas três manifestações acrescenta muito para a cidade. A primeira porque é uma forma de protesto e tem a ver com o processo de redemocratização. É quando grupos sinalizam no urbano a resistência e afirmam: esse território também nos pertence.

A segunda acrescenta muito à cidade porque ocupa os espaços residuais e dá harmonia para o conjunto — embora muita gente pense o contrário.

— A cidade ganha. Os lugares antes sombrios ficam humanizados. Já a terceira trabalha com intuito de embelezar a cidade. Recebe críticas por acabar com a visão mais acionista e revolucionária. Essas pinturas são mais muralistas e menos grafite — explica o professor.

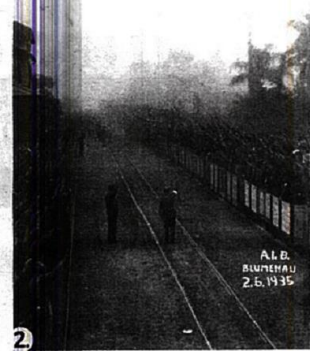
Ele continua: — As três vertentes, embora atuem e aspirem coisas diferentes, têm importância e devem ser respeitadas. Todas são legítimas. Aqui em Florianópolis temos essas três versões, mas numa escala muito menor. Na cidade há vários muros pintados por coletivos que querem se expressar. Temos coisas interessantes e com o teor político e social num plano subliminar.

Notícias do Dia Plural "A intransigência desvelada"

A intransigência desvelada / Documentário / Anauê / Zeca Pires / Congresso da Ação Integralista Brasileira / Blumenau / Alemanha Nazista / Plínio Salgado / Colonização alemã / FAM / Florianópolis Audiovisual Mercosul / Centro de Cultura e Eventos / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Neide Maria Fiori / Norberto Depizzolatti / Adolf Hitler / Giba Assis Brasil / Getúlio Vargas / Antônio de Lara Ribas / Nereu Ramos / Konder Bornhausen / Marlene de Fáveri / Luís Felipe Falcão / Sueli Petry / René Gertz / Brasil / Marilha Naccari

10/11 NOTÍCIAS DO DIA FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 24 E 25/6/2017

Fotos que constam no filme: 1. Plínio Salgado (terceiro à esq.), fundador do integralismo, fazendo a saudação "anauê". 2. Chegada ao congresso da Ação Integralista Brasileira em 1935, em Blumenau, imagem que remete à Alemanha nazista. 3. Crianças doutrinadas no integralismo



A intransigência *desvelada*

Filme "Anauê!", de Zeca Pires, fala de perseguição e resistência em regiões de colonização alemã em Santa Catarina

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasdodia.com.br

No final da sessão, aplausos de pé e a sensação, compartilhada pelo diretor, produção e plateia, de dever cumprido. Terminava o projeto do documentário "Anauê! - O Integralismo e o Nazismo na Região de Blumenau", que o cineasta Zeca Pires começou a planejar ainda na década de 1990 e que abriu o FAM (Florianópolis Audiovisual Mercosul) na terça-feira, dia 20, no Centro de Cultura e Eventos da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), na Capital. Assim como a concretização de um projeto pensamente construído, aquele momento também tirava do limbo, para muita gente, o tema tabu do integralismo e suas ações e ramificações no Estado, em especial no Vale do Itajaí, onde as tradições teuto-brasileiras se mostraram muito receptivas ao movimento.

Diretor de 11 filmes, entre documentários, curtas e longas metragens de ficção, Zeca Pires custou para cumprir o caminho entre a concepção de "Anauê!" e a primeira exibição pública do filme. Ele registrou o projeto na Biblioteca Nacional em 1999, alguns anos depois de ter contato

com a temática do integralismo quando era assistente da professora universitária Neide Maria Fiori, ao lado do também cineasta Norberto Depizzolatti, em estudos sobre o processo de nacionalização do ensino em Santa Catarina durante a Segunda Guerra Mundial. De lá para cá, além da falta de dinheiro para dar andamento ao trabalho, Pires enfrentou enormes barreiras para convencer os testemunhas daquele momento a falar. "Não conseguia avançar na pesquisa, poucos queriam dar entrevistas ou mostrar documentos", conta.

Para piorar, o assunto sempre foi pouco abordado nos livros de História. Ao contrário do nazismo, também presente - e com muito destaque - no filme, o integralismo corria à margem dos conteúdos didáticos nas escolas. A própria mãe de Zeca Pires foi transferida pelo Estado para dar aulas em Timbó, no Vale, na época da nacionalização, e achou por bem aprender o alemão para se comunicar com os alunos. Eles se escandalizavam com isso, porque era proibido falar qualquer palavra na língua dos germânicos que colonizaram a região. Em 2005, antes do morte da mãe, o cineasta gravou um depoimento dela sobre essa experiência de mestre vinda do litoral para lecionar português numa tradicional colônia alemã.



BRUNO ROBERTO/ARQUIVOPUBLICO

O diretor Zeca Pires começou a pensar no documentário nos anos 1990 e fez longo percurso até lançá-lo

Programação do final de semana:

SÁBADO, 24/06

■ 12h - Sessão Preferência de Público Itapema FM
■ 14h30 - Sessão RECAM (acessibilidade Legendada para Surdos e Ensurdecidos e Audiodescrição)

Auditório Carapuvu

Sx Chico
■ 16h30 - Mostra Doc-FAM - Auditório Carapuvu
Abrindo o Armário, Dario Menezes e Luis Abramo - Brasil - Rio de Janeiro e São Paulo

■ 18h30 - Mostra Paralela de Música - Hall do Centro de Cultura e Eventos da UFSC
Marcondes trio - MPB e pop
■ 19h - Mostra de Curtas Mercosul - Auditório Carapuvu



fotos: wikipedia.org

Pelo respeito ao diferente

Além de ouvir moradores de Blumenau e arredores, incluindo filhos de pequenos comerciantes que sofreram com a perseguição movida pelo Estado, o filme de Zeca Pires traz a visão de especialistas como a professora Marlene de Fávéri, autora do livro "Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina", Luis Felipe Falcão, doutor em História, Sueli Petry, do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, de Blumenau, e René Gertz, professor e especialista em nazismo e integralismo. Eles contribuem para conferir ao documentário a função didática de interpretar aspectos da história que continuam obscuros sobre a influência do pensamento conservador em regiões que resistiram ao abramilramento pretendido pelo governo.

O integralismo, criado no Brasil em 1932 por iniciativa do escritor e jornalista Plínio Salgado, pregava os valores da família e da prática cristã, defendia o nacionalismo e o princípio da autoridade e tinha o comunismo como inimigo declarado. Contudo, ao contrário do nazismo, não pregava o racismo e a prevalência de uma raça sobre outra. Blumenau foi palco de um grande congresso integralista em 1935 que atraiu militantes e adeptos de todo o Brasil, que chegaram de trem, carro e navio, subindo o rio Itajaí-Açu. Tudo isso está no filme de Zeca Pires, cujo nome remete à palavra (anauê) usada como saudação pelos integralistas. Para o diretor, além de tirar o tema do ostracismo, importa abrir uma discussão sobre a intolerância que recrudescer no mundo.

Simpatia a Hitler

O filme "Anauê!" é uma sequência bem editada (por Giba Assis Brasil, parceiro de Zeca em vários filmes) de imagens, depoimentos, áudios com pronunciamentos (incluindo o famoso "discurso de Blumenau" feito em 1940 por Getúlio Vargas) e vídeos que recuperam, por exemplo, uma entrevista de Antônio de Lara Ribos, que foi delegado de polícia e autor do livro "O punhal nazista no coração do Brasil". Assim como Ribos, que nutria especial antipatia pelos alemães e seus descendentes, o interventor Nereu Ramos nunca foi bem visto no Vale do Itajaí. Em parte porque era mais radical do que Getúlio nas ideias e mandou a polícia bater nos germanistas mais recalcitrantes, e também pelo fato de pertencer à oligarquia lojeana que se opunha a outra, a dos Konder Bornhausen, natural da região.

Nos depoimentos, chamam a atenção a visceral ligação cultural e afetiva dos blumenauenses à Alemanha e seu total desconhecimento do genocídio praticado pelos generais de Adolf Hitler nos campos de concentração da Europa. O "führer", aliás, é citado com certa benevolência por alguns entrevistados, porque teria levantado a Alemanha depois da derrota pós-Primeira Guerra, quando o país foi derrotado e obrigado a pagar dívidas astronômicas às nações vencedoras. Uma das depoentes chegou a viajar para a Europa um pouco antes da eclosão do conflito e ficou retida até 1945, porque não havia como embarcar num navio de volta. Como ela, outros descendentes só foram saber do extermínio de judeus quando os Aliados venceram o confronto.



As gerações atuais querem conhecer a história, e o filme é um pequeno degrau para isso. É reflexão, discussão, com a minha interpretação."

Zeca Pires, diretor de "Anauê! - O Integralismo e o Nazismo na Região de Blumenau"



Marilha Naccari, diretora de programação do FAM, resalta a descentralização do festival

Duas décadas formando público

Tão importante quanto chegar à 21ª edição, um dos meritos do Florianópolis Audiovisual Mercosul é descentralizar o direito de acesso a bons filmes do continente, levando a programação a outras regiões do Estado. A diretora de programação do FAM, Marilha Naccari, destaca que muitos municípios catarinenses já contam com sua inclusão no evento anual, de olho na periodicidade como fator de formação espontânea de público para o cinema de qualidade. Neste fim de semana, por exemplo, 40 pessoas vêm de Chapecó para Florianópolis para acompanhar os últimos dias do festival, como fruto desse intercâmbio que mobiliza pontos de cultura, cineclubes e secretarias municipais de cultura.

Há 12 anos envolvida com a organização do evento, Marilha conta que 56 cidades foram alcançadas nesta edição. "Mesmo onde há pouco público, o importante é o efeito multiplicador, que aumenta a demanda a cada ano", diz. Professora do curso de Cinema da Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina), ela resalta que o FAM é um dos mais importantes eventos de cinema fora do eixo Rio/São Paulo/Brasília/Gramado. O que começou como feira hoje lota os 1.400 lugares do Centro de Cultura e Eventos da UFSC em diferentes horários, durante quase uma semana. E uma parceria com o Sesc/SC garante a chegada dos filmes a 20 pontos do Estado. "Há cidades que esperam pelos meses de abril ou maio para entrarem no circuito", afirma.

Dormidos, Jorge Fierro - Uruguai - Montevideo - Ficção
Hospital da Memória, Pedro Paulo de Andrade - Brasil - São Paulo - Ficção
Índios no Poder, Rodrigo Arajeju - Brasil - Distrito Federal - Documentário
Ocupação Hotel

Cambridge, Andrea Mendonça - Brasil - São Paulo - Documentário
Três Tipos de Medo, Bruno Bini - Brasil - Mato Grosso - Ficção
■ 20h - Mostra Videoclipe e Longas Mercosul - Auditório Garapuvu

Mapu Kimun, Maria Manzanares - Argentina - Bariloche
Tagore - Mudo, Fabrício Koltermann - Brasil - Rio Grande do Sul
Oscuro Animal, Felipe Guerrero - Argentina - Colômbia - Ficção - 105min

DOMINGO, 25/6

■ 10h30 - Mostra Infantiljuvenil - Auditório Garapuvu
■ 12h - Sessão Preferência de Público Itapema FM
■ 15h - Mostra Doc-FAM - Auditório Garapuvu

Precisamos Falar do Assédio, Paula Sacchetta - Brasil - São Paulo
■ 18h30 - Mostra Paralela de Música - Hall do Centro de Cultura e Eventos da UFSC
Rô Conceição DUO - Pop e Reggae
■ 19h - Cerimonial

de Premiação

■ 20h - Mostra de Longas Mercosul - Auditório Garapuvu
Las Toninas Van Al Este
Veronica Perrotta e Gonzalo delgado - Uruguai - Ficção - 93min

**A Notícia
Plural**
"Bom apetite"

Bom apetite / Mulheres / Santa Catarina / As Braseiras - Mulheres da Brasa Brasileira / Elisabeth Schreiner / Carnes / Sandra Carvalho / Curso de Agronomia / Curso de Zootecnia / UFSC / Churrasco / Churrasqueira

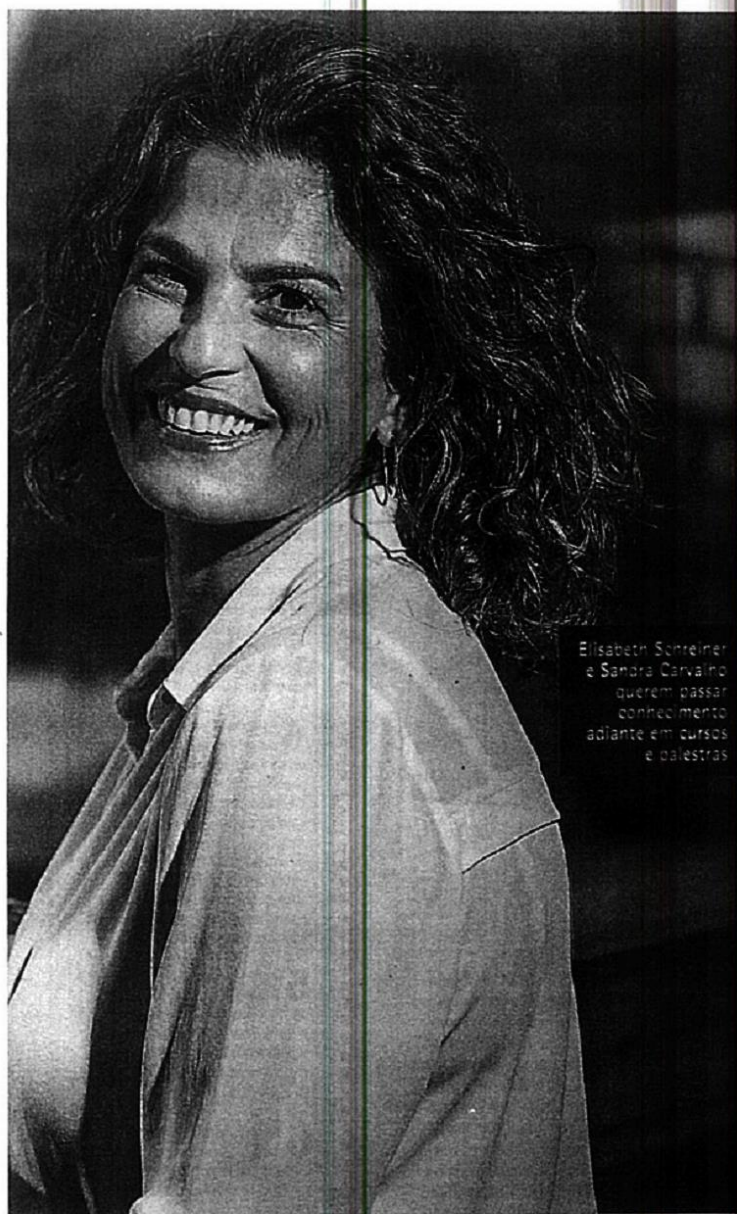




CAPA

Bom *apetite*

Mulheres de Santa Catarina integram o coletivo As Braseiras e espalham a cultura do churrasco pelo universo feminino



Elisabeth Schreiner e Sandra Carvalho querem passar conhecimento adiante em cursos e palestras

Amédica veterinária Elisabeth Schreiner é uma apaixonada pelo universo das carnes. Moradora de Florianópolis, ela faz parte de um coletivo feminino que vem movimentando este mercado, As Braseiras. Mas a ideia de trabalhar com o produto começou há muito tempo.

Desde a infância, em Santa Cruz do Sul (RS), ela alimentava o desejo de cursar medicina veterinária. Representante da quinta geração de uma família de alemães imigrantes que até então havia se dedicado à indústria metalúrgica, ela virou – com o perdão do contexto – a ovelha negra. Quando finalmente entrou na universidade, foi um caminho sem volta: desde os primeiros semestres de curso, enveredou pela iniciação científica, trabalhando com microbiologia, suinocultura e reprodução de ruminantes. Formada, foi contratada por uma multinacional do segmento

de milho, atuando no setor de nutrição animal e confinamento, de lá entrando em contato com a indústria frigorífica e com o que viria a ser seu grande foco de trabalho: a carne.

Em 2003, elegeu a capital catarinense como destino – assim como muitos, na expectativa de conciliar o trabalho com a proximidade do mar – e deu de cara com imóvel onde instalou seu espaço, uma boutique e um restaurante de carnes.

Na Argentina, formou-se maestra assadora – o que lhe conferiu a prerrogativa de também poder ensinar a fazer churrasco, passando o conhecimento adiante – e estagiou em restaurantes do mesmo país e do Uruguai, até finalmente passar ao comando da própria brasa. Para o preparo das carnes, Beth utiliza o sistema de parrilha, que consiste no uso de grelhas móveis – a figura do espeto, tão cara aos brasileiros, é raridade por ali.

Quebrando preconceitos

Quem observasse a zootecnista Sandra Carvalho em uma competição de crossfit poderia não suspeitar que ali estava uma profissional altamente conceituada e especializada no ramo de carnes: do campo ao prato – como costuma dizer. Doutora em tecnologia de carnes e professora nos cursos de Zootecnia e Agronomia da UFSC, a trajetória profissional de Sandra inclui ainda a passagem por fazendas, frigoríficos e um curso de gastronomia, onde lecionou sobre carnes durante cinco anos. Atualmente, é responsável pelas áreas de qualidade de carnes e tipificação de carcaças nos cursos da federal – ela também largou o crossfit e hoje pratica apenas corrida. De fato, tanta energia acaba por se relacionar com um dos hobbies favoritos de Sandra: o churrasco – e com ele o fogo, elemento vital que também simboliza força e renovação, além de um forte poder agregador. O que é mais gostoso do que reunir pessoas em torno do fogo em um dia frio? Para Sandra, porém, as mulheres ainda enfrentam preconceito quando se trata de trabalhar com carnes e de operar uma churrasqueira:

– A visão que em geral as pessoas têm do churrasco é totalmente masculina. A churrasqueira como um lugar da casa onde só o homem pode entrar. Então existe uma surpresa em ver a mulher preparando a carne e, principalmente, em perceber que realmente fica muito boa – comenta.

Para Sandra, o grande atrativo do churrasco é seu potencial de reunião: em torno da churrasqueira, existe a convivência e um ambiente dinâmico, onde a refeição é preparada simultaneamente ao encontro – diferentemente do modelo mais tradicional de preparo, com a separação entre a cozinha e a sala de jantar. Na visão dela, a mulher pode agregar uma personalidade diferente ao churrasco.

– Em função do cuidado que tem com as coisas, a mulher tem a preocupação de preparar acompanhamentos, de agradar as pessoas em relação ao ponto da carne, ao corte – opina.

Há dois anos, Sandra encontrou Beth em uma visita a um frigorífico e, a partir dali, estreitaram os laços. Hoje elas são sócias em uma empresa que presta consultoria e dá cursos sobre qualidade de carnes, e foi dessa parceria que surgiu o convite para participarem do grupo As Braseiras – Mulheres da Brasa Brasileira, que tem o objetivo tanto de mostrar o trabalho e a experiência das mulheres no ramo de carnes quanto de levar informação sobre o universo churrasqueiro ao público feminino.

Segue >



Da esquerda para a direita: Beth Schreiner, Caroline Barbosa, Carolina Barretto, Tatiana Bassi, Paula Labaki, Clarice Chwartzmann, Sandra Carvalho, Ligia Karazawa e Aline Marinho formam o coletivo As Brasileiras

Carolina Barretto, idealizadora e coordenadora do projeto



Às mulheres: a churrasqueira

Para entender a essência d'As Brasileiras, a idealizadora e coordenadora do coletivo, Carolina Barretto, conta sua história:

– Trabalhei muito tempo na indústria frigorífica, olhando para as relações entre quem produz e quem consome. Então tive a ideia de unir um grupo de mulheres que gostam de carnes e assados e trazer a visão da mulher para esse negócio, já que muitas mulheres se interessam pelo assunto mas ainda ficam tímidas, por ser um ambiente masculino. Isso é um estereótipo que se criou – explica.

Lançado oficialmente em março, o grupo formado por 10 mulheres de diferentes regiões brasileiras já cumpre uma agenda de eventos com palestras, workshops e jantares que ultrapassam a carne no prato, resgatando inclusive a história da relação do ser humano com o fogo. De acordo com o documento que define a proposta do grupo, o objetivo é usar “a carne e o fogo como uma ferramenta de transformação, de educação e acolhimento, promovendo assim uma mudança de comportamento e consciência”.

– É um projeto, mas é também um movimento. Reunimos mulheres que já têm um trabalho consolidado, que já têm uma trajetória, e queremos incenti-

var outras meninas. Nossa ideia é fazer eventos menores, para trazer informações sobre a profissão, sobre como consumir carne e para que exista uma troca com o público – ressalta Carolina.

A edição catarinense do evento ocorreu no início de junho em Florianópolis. Entre as atividades, uma oficina de carne suína e palestras sobre a cadeia produtiva da carne, o consumo proteico na síntese muscular no âmbito da nutrição esportiva e a importância da segurança alimentar. Na plateia, estudantes de gastronomia, veterinária, zootecnia, nutrição e engenharia de alimentos, assim como atletas e consumidores.

– A ideia é que a gente possa aportar o nosso conhecimento ao grupo e, a partir daí, levar informação para outras mulheres. Informações que, muitas vezes, a indústria não tem interesse em divulgar, sobre a qualidade da carne, a produção. Nós defendemos muito a questão da origem, por exemplo, de saber também a procedência do que se está consumindo – destaca Beth Schreiner.

Trabalhando em duplas pelo Brasil, As Brasileiras irão realizar eventos e disseminar a participação da mulher tanto na produção de carnes quanto no preparo e consumo. Com os recentes acontecimentos envolvendo a indústria

frigorífica na Operação Carne Fraca da Polícia Federal, elas consideram o momento oportuno, já que o público consumidor está sendo “convocado” a buscar um conhecimento sobre o setor.

– O brasileiro adora carne e as empresas interessadas têm agora a oportunidade de se aproximar mais do consumidor, de estabelecer esse relacionamento mais direto, especialmente nesse nicho de carnes de qualidade, de trabalhar com animais de genética superior, alimentados de forma melhor – avalia.

Além de Elisabeth, Sandra e da coordenadora Carolina, fazem parte do grupo Tatiana Bassi, Ligia Karazawa, Paula Labaki, Aline Marinho e Joana Angélica, de São Paulo; Clarice Chwartzmann, do Rio Grande do Sul; e Caroline Barbosa, do Pará.

– Queremos nos reconectar com a história e também mostrar esse churrasco feminino, que considero que traz um componente mais inclusivo, mais acolhedor na hora de receber, com porções menores e contemplando também outros assados que não apenas carnes, como legumes, cogumelos, raízes. E vamos fazer isso em eventos pequenos, para que haja a troca de conhecimento. Não dá pra fazer isso em um grande festival – enfatiza Carolina.

O primeiro churrasco, passo a passo

1 Tenha uma faca média bem afiada, uma tábua branca de plástico para lidar com as carnes cruas e uma de madeira para servir.

2 Para uma assadora de primeira viagem, o ideal não é começar com espetos. O modelo mais adequado é a grelha de ferro de canaletas, que cozinha a carne uniformemente.

3 Comece com bifes de cortes altos, macios e sem ossos. Boas opções são os dois cortes do contrafile (o ancho ou o chorizo), os medalhões de picanha ou o miolo de acém, que no mercado leva o nome chique de Denver Steak. Bifes de vazio também são saborosos. Mesmo que não vá consumi-la, não corte fora a gordura.

4 Para fazer o fogo, cubra a superfície da churrasqueira de carvão. Faça um “copinho” de papel toalha em meio às pedras e embede com um pouco de óleo de cozinha (sem exagero). Ateie fogo a ele com um fósforo e enquanto as chamas crescem, cubra de pedras de carvão e abarie com um jornal. Achou complicado? Tem pastilhas prontas que fazem o mesmo efeito.

5 O primeiro aperitivo é o pão de alho. Corte um pão baguete ao meio e passe uma pasta com a mistura de manteiga, queijo mussarela, alho cortado (não picado) e uma pitada de orégano. Leve à grelha.

6 Entre os legumes, ótimas opções são a abóbora cabotiá cortada em tiras, o tomate, cortado ao meio e virado de cabeça para baixo, e pimentões recheados com queijo. Tempere com azeite de oliva e tomilho.

7 Mais aperitivos: salsichão e linguiça não perdem suculência na grelha.

8 Leve a carne ao fogo com um pouco de azeite, trocando os bifes de lado de tempos em tempos. Quando começarem a dourar, tire do fogo e corte as lasquinhas das pontas, para observar o ponto.

9 Sirva em tiras acompanhadas de farinha de mandioca ou molhos para carnes, como o chimichurri.

COLABOROU CUIR FONSECA

Notícias do Dia
Laura Coutinho
"Audiovisual"

Audiovisual / FAM / Florianópolis Audiovisual Mercosul / Centro de Cultura e Eventos / UFSC / Ancine / Agência Nacional de Cinema / Roberto Lima / Marilha Naccari / Mulher do pai



com Laura Coutinho

AUDIOVISUAL

A 21ª edição do FAM (Florianópolis Audiovisual Mercosul) movimentou o Centro de Eventos da UFSC desde terça-feira recebendo, além do público, importantes nomes do setor, como o diretor da Ancine (Agência Nacional de Cinema), Roberto Lima, um entusiasta do evento que fomenta a produção audiovisual regional. A expectativa de Marilha Naccari (foto abaixo), diretora de programação, é receber até este domingo, último dia do evento, 20 mil pessoas. No domingo, a partir das 19h, serão revelados os vencedores de cada categoria. O filme que encerra a programação é a comédia uruguaia "Las Toninas Van Al Este".

Fiquei encantada com o filme "Mulher do Pai", que vi essa semana em noite de pré-estreia nacional dentro do FAM. Bruto e ao mesmo tempo delicado e poético, o longa é encabeçado por mulheres, entre elas a diretora e roteirista Cristiane Oliveira. A fotografia, assinada por Heloisa Passos, também é belíssima e mostra a estética do interior gaúcho na região da fronteira com o Uruguai. Semana que vem o longa deve entrar em cartaz no circuito de cinemas. Vale ver.

DANIEL GUILHAMET/DIVULGAÇÃO/ND



Diário Catarinense
Esporte
"Primeira escala rumo a Tóquio"

Primeira escala rumo a Tóquio / Micaela Mello / Mundial Escolar de Atletismo Sub-17 / França / Olimpíadas / Cefid / Udesc / Florianópolis / Turquia / Pista atlética / UFSC / Thiago Mendes Olivo

ESPORTE | ATLETISMO

Primeira escala rumo a Tóquio

COM MARCAS EXPRESSIVAS aos 17 anos, Micaela Mello disputa o Mundial Escolar na França com a cabeça nas Olimpíadas

RAFAEL THOMÉ
rafael.thome@horasc.com.br

Atímidia pista de treinamento do Cefid/UDESC, em Coqueiros, Florianópolis, contrasta com os feitos e o sorriso largo da jovem Micaela Mello. Aos 17 anos, a esportista de São José já ostenta marcas significativas no atletismo, como o recorde brasileiro Sub-18 nos 100m com barreiras (13s73) e a medalha de ouro no Mundial Escolar de Atletismo Sub-17, na mesma prova, disputado na Turquia em 2016. E foi com a confiança em novos bons resultados que Micaela embarcou nessa semana para Nancy, na França, para competir em mais um Mundial Escolar de Atletismo, agora na categoria Sub-18. No começo de julho, parte para a disputa da mesma prova no Campeonato Mundial Sub-18, em Nairobi, no Quênia.

– Essas disputas vão ser bem fortes, até porque as meninas são mais velhas que eu, têm mais experiência. Estou treinando bem,

estou preparada física e psicologicamente, e a colocação vai ser consequência do meu trabalho – afirmou a jovem.

Acostumada a competir em categorias acima da sua idade, Micaela divide os treinos entre a pista do Cefid/UDESC, a pista atlética da UFSC e a academia. A orientação vem do treinador Thiago Mendes Olivo, de 38 anos, que acredita ter em suas mãos uma joia do atletismo brasileiro.

O esporte está no sangue da família. Tão logo saiu das fraldas, Micaela foi introduzida ao mundo das corridas pela mãe, Elis Regina, ex-atleta dos 400m e dos 800m rasos. Aos seis anos, em 2006, disputou a Maratoninha da Caixa – uma corrida de 250 metros – e faturou o primeiro lugar.

Entre os planos para o futuro de Micaela está treinar para ir em busca de índice para os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2020. Daqui até lá, são três anos de muita preparação, foco e determinação para alcançar a marca necessária para a classificação.



Atleta de São José terá grande desafio nas pistas de Nancy, na França

TIAGO COMPETE PELA PRIMEIRA VEZ FORA DO PAÍS

Não foi só a Micaela que arrumou as malas e partiu para Nancy, na França. Tiago do Nascimento, de 18 anos, também embarcou com para compor a delegação brasileira de 24 atletas e quatro treinadores. Esta será a primeira competição do esportista de São José em solo internacional, na prova dos 110m com barreiras.

– Particpei de competições nacionais, mas esta é a primeira vez fora do país. Estou com o tempo de 14s10, mas tenho que baixar bastante para pegar a final – admitiu.

Para garantir a vaga no Mundial, Micaela e Tiago tiveram que se classificar em outra modalidade (o mínimo exigido são duas). Micaela se classificou no salto à distância e Tiago, no arremesso de peso, mas a participação nas provas não é obrigatória.

Diário Catarinense
Rafael Martini
"Mistério das máscaras"

Mistério das máscaras / UFSC / Florianópolis / Curso de Artes Cênicas /
Pegando do Resto



MISTÉRIO DAS MÁSCARAS

Um grupo de mascarados foi visto circulando esta semana pelo campus da UFSC, em Florianópolis, despertando a curiosidade do público. Eram alunos de Artes Cênicas divulgando o espetáculo Pegando do Resto. O mistério das chamadas máscaras larvárias, peça-chave da montagem, será revelado neste fim de semana com apresentações às 20h, no novo prédio do curso de Artes Cênicas, que comemora 10 anos.

Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Filas"

Filas / Christiano Martins / Semáforo / Fila / Beira-Mar Norte / UFSC



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

24/06/17

[UFSC promove cinema gratuito nesta segunda-feira](#)

25/06/17

[FAM 2017 encerra com prêmios às melhores produções](#)

[Ciência, Tecnologia e Inovação estarão em pauta na Unesc](#)

[FAM 2017: curta de SC "Larfiagem" leva melhor filme pelo júri e público](#)